

- CV -

**SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR: JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI (BA)**

Zizelda Lima Fernandes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB – BRASIL

zizafernandes@yahoo.com.br

Este estudo objetiva compreender as relações que jovens estudantes da escola pública de ensino médio constroem com a escola, considerando: o território de residência e a condição de gênero; as relações estabelecidas com a família e o trabalho e, sobretudo, as sociabilidades por eles praticadas no contexto escolar.

Com a chamada “expansão da escolarização” amplia-se o acesso das camadas populares à escola pública de ensino médio. Por conseguinte, jovens ricos em expressões e manifestações culturais carregam para o interior da escola suas histórias, saberes e experiências sociais vivenciadas em espaços distintos. Entretanto, tais valores e perspectivas não são os esperados por aquela escola que sempre trabalhou com um público que apresentava um perfil mais definido em relação ao ser aluno e às normas escolares.

Como afirmam Carrano e Dayrell (2014, p. 127), “as escolas esperam alunos, e o que recebem são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo”. Assim, diante da heterogeneidade juvenil que avança por seu espaço, a escola não consegue se redefinir internamente e compreender aspectos fundamentais da dimensão do ser jovem e do ser aluno nos dias atuais. Para conseguir “permanecer” nesse espaço, esses jovens reinventam a escola como lugar de sociabilidade juvenil (PEREIRA, 2007).

Em seus estudos, Krawzyck (2011, p.766), afirma que o projeto de escolarização da escola de ensino médio acontece sob uma “estrutura sistêmica pouco desenvolvida e com uma cultura escolar incipiente para os jovens das parcelas mais pobres da população”. Tudo isso faz com que a escola de ensino médio se encontre fortemente sujeita a questionamentos em torno do seu alcance e sentido.

Dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2017 registram uma queda de 2,5% das matrículas no Ensino Médio quando se esperava um movimento de inclusão já que cerca de 1,5 milhões de jovens de 15 a 17 anos fora da escola se encontram fora da escola.

Considerando tal cenário, a pesquisa se debruça sobre as seguintes questões: de que maneira os jovens estudantes do ensino médio constroem relações no atual contexto escolar? Como esses jovens constituem grupos de sociabilidade nesse espaço? Qual a percepção que esses jovens têm sobre

a escola de ensino médio e sobre si mesmos como alunos dessa escola? Existe algum fator que impacta numa relação mais positiva ou mais negativa com a escola?

O estudo se constrói por meio de pesquisa qualitativa, com abordagem teórica fundamentada em pesquisadores das ciências humanas e sociais acerca da juventude e da escola de ensino médio no Brasil. A pesquisa de campo, se utiliza de fontes documentais (pesquisa bibliográfica e declaratória, ata de resultados finais, projeto político-pedagógico) e fontes não documentais (observações diretas no campo, que constaram de: diário de campo, conversas com professores e gestores, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas) e se realiza em cinco escolas públicas da rede estadual de ensino médio do município de Guanambi (BA), tendo como principais interlocutores jovens alunos do primeiro ano do ensino médio.

A partir dos dados construídos verificamos que os jovens estudantes do ensino médio, participantes da pesquisa, se achavam representados por um coletivo maior, constituído por jovens que moravam na zona urbana – que se distribuíam em 32% de mulheres e 40% de homens – e por um coletivo menor formado por jovens moradores da zona rural – correspondendo a 20% de mulheres e 8% de homens.

Os dados construídos nos possibilitaram levantar algumas afirmações: a escola de ensino médio tinha cor, tinha trabalho, tinha filhos de pais com baixa escolaridade que, em sua maioria, exerciam trabalhos manuais, por conseguinte com baixa remuneração; os jovens negros e pardos em suas condições concretas de existência eram mais carentes economicamente (tinham menos recursos), pais com formação escolar um tanto limitada e que realizavam atividades trabalhistas de baixa remuneração (quando não se encontravam desempregados); percentual relevante dos jovens de cor branca tinha pais com tradição escolar - ensino fundamental completo, ensino médio completo, superior incompleto ou completo-; parte expressiva dos jovens de cor preta apresentava defasagem escolar; os jovens da zona rural tinham uma organização familiar que se aproximava, em muito, do modelo de família nuclear; as famílias urbanas revelaram que sofreram maiores impactos com as mudanças sociais apresentando uma organização familiar mais eclética e mostrando que, na maioria dos casos, a mãe - esteio da família - arcava com a responsabilidade maior nas despesas da casa e educação dos filhos; os jovens homens e as jovens mulheres realizavam algum tipo de trabalho ou estavam procurando emprego, salvo exceções; em anos de estudo, as mães dos jovens, em sua totalidade, apresentavam maior escolaridade do que os seus pais.

Podemos dizer que a família, a escola, o trabalho, a religião, os meios de comunicação de massa, entre outros, constituíam vigorosas mediações nos processos de socialização juvenil. A chamada socialização juvenil - em se tratando da socialização dos jovens estudantes da escola de ensino médio - incidia em diversos espaços e tempo e afetava os patamares em que se dava a sua vida

escolar (DAYRELL, 2007). No contexto das relações no interior da escola, a sociabilidade ia se fazendo de forma livre, sem hora marcada.

Um dos pontos centrais que insurge nessa análise é a prioridade que os jovens alunos davam às redes interativas que estabeleciam no contexto escolar, independentemente do fato de serem mulheres ou homens ou, ainda, de serem da zona rural ou da zona urbana. Em suas relações, ganhavam destaque a convivência com os seus pares, o “domínio do festivo”, o domínio do lúdico, do criativo e do estético, o “jogar conversa fora”. De tal modo, as relações se desenvolviam no seio das interações com marcas de reciprocidade e afetação múltipla dos participantes. Quando se tratava da relação professor e aluno, de maneira geral, os jovens deixavam claro que os professores preferiam “alunos que tiravam boas notas” e “prestavam atenção às aulas”. Esses dados nos permitem afirmar que parte significativa dos professores olhava para os jovens a partir da sua condição de aluno. Os critérios escolares é que prevaleciam. O dialogar com as juventudes que se encontravam imersas no cotidiano da escola, às vezes, era secundarizado ou negligenciado.

Enfatizamos, ainda, que o trabalho era uma instância que também exercia uma forte influência na relação dos jovens com a escola. Daquele jovem rural que acordava de madrugada para trabalhar no roçado, para tirar leite das vacas e em seguida se dirigir pra escola até aquele jovem urbano que trabalhava numa empresa, muitas vezes em serviços pesados e depois ia pra escola. Afinal, como conciliar estudo e trabalhos tão pesados?

Nesse percurso, chegamos à conclusão de que o problema da escola é um problema de todos nós. Vimos que a escola de ensino médio com a qual esses jovens almejam, sonham e querem pra eles é uma escola que os reconheçam enquanto sujeitos sociais, que os acolham. Eles querem professores que dêem aulas e que façam a diferença, querem professores de matemática, por exemplo, que saibam matemática, que saibam contextualizar essa matemática e trazê-la para a sua realidade de vida, querem uma matemática viva, assim como suportes tecnológicos. Eles querem uma escola que tenha atividades dentro da sala de aula, fora da sala de aula e atividades que extrapolem os muros da escola, que os possibilitem viajar, conhecer e explorar outros espaços. Eles querem uma escola condizente com a estrutura social contemporânea. Em muito, esses jovens querem falar e serem escutados, enfim querem ser respeitados. Vimos que a escola de ensino médio precisa (re) nascer a partir de um projeto coletivo que valorize a experiência da sociabilidade juvenil em sua dimensão educativa.

Referências

BRASIL. **Censo Escolar da Educação Básica de 2017/MEC**. Brasília, 2017.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo, Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, outubro/2007.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, set./dez. 2011.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Aprendendo a ser jovem: A escola como espaço de sociabilidade juvenil. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Recife, **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2007.